

COMPORTAMENTOS ENUNCIATIVOS DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO NAS INTERAÇÕES EM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

Janayna Bertollo Cozer CASOTTI⁴⁴

Isabel Maria Loureiro de Roboredo SEARA⁴⁵

Resumo: As interações que se estabelecem por meio de ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) vêm-se tornando importante objeto de investigação linguística. Em contexto de cultura digital, intensamente perpassado pelas múltiplas linguagens, é necessário compreender a aprendizagem resultante dessas interações como coconstrução de saberes. Com base em Charaudeau (2008), para quem todo ato de linguagem constitui uma “interação de intencionalidades”, procuraremos perceber de que maneira professores em formação agem na *mise en scène* do ato de linguagem, a partir da identificação de seus comportamentos enunciativos nos registros de produção de textos que eles mesmos realizam em ambiente virtual de aprendizagem.

Palavras-chave: Comportamentos enunciativos. Interações virtuais. Formação docente.

Abstract: *Interactions that are established through virtual learning environments (VLE-AVA in Portuguese) have become an important research object. In digital culture context, strongly permeated by multiple languages today, it is necessary to understand learning that results from interactions as a co-construction of knowledge. Thus, having Charaudeau as our supporting theory (2008), who assumes that every act of language is an "interaction of intencionalities", we will seek to understand how teachers perform in the mise en scène of a language act, from the identification of their enunciative behaviors in the records of producing texts that they themselves perform in a virtual learning environment.*

Keywords: *Enunciative behaviors. Virtual interactions. Teacher's education.*

⁴⁴ Professora do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Vitória, Espírito Santo, Brasil; pós-doutorado pela Universidade Aberta, Lisboa, Portugal; bolsista da CAPES; janaynacasotti@gmail.com

⁴⁵ Professora do Departamento de Humanidades da Universidade Aberta (UAb) e pesquisadora do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL), Lisboa, Portugal, irseara@gmail.com

Considerações iniciais

Na contemporaneidade, a intensa utilização da internet tem permitido outro olhar sobre modelos de formação a distância que utilizam, em sua prática pedagógica, a tecnologia digital, priorizando, dessa forma, aspectos interacionais na relação professor/alunos. Todavia, essa nova direção relativa ao ensino a distância implica mudança de paradigma. Nesse sentido, Bévort e Belloni (2009) chamam a atenção para a importância de se consolidar hoje a “mídia-educação” como campo de ação educativa, de maneira a integrá-la efetivamente ao contexto educacional, incluindo-se, aqui, a formação inicial e continuada de profissionais da educação.

Considerando, pois, a importância de pesquisas que focalizem a integração das novas tecnologias à formação de professores e também o fato de que interações eletrônicas em ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) têm se tornado objeto de investigação linguística, pretendemos verificar, por meio desta pesquisa, como professores em formação, nas práticas de interação em AVA, vão refletir sobre as ações de linguagem que realizam e pensar sobre sua própria experiência de aprendizagem. O trabalho aqui apresentado integra, pois, uma pesquisa mais ampla de pós-doutoramento realizado na Universidade Aberta, em Lisboa, sob a supervisão da Professora Doutora Isabel Maria Loureiro de Roboredo Seara.

Assim, organizamos este artigo de modo a apresentar, primeiramente, o aporte teórico em que respaldamos nossa investigação, a Teoria Semiolinguística do Discurso, de Patrick Charaudeau (2001, 2008); em seguida, a metodologia da pesquisa qualitativa realizada; e, por fim, a análise de dados que recolhemos da plataforma de *e-learning* da Universidade Aberta.

Modo de organização enunciativo do discurso

Partindo do conceito fundamental na Teoria Semiolinguística do Discurso, podemos dizer que a concepção de ato de linguagem de Charaudeau (2008) vai além da concepção formalista de linguagem como forma de comunicação que se estabelece entre emissor e receptor, por intermédio de uma mensagem. Para Charaudeau (2008, p.44), o ato de linguagem corresponde a um “encontro dialético” entre o processo de produção e o processo de interpretação, que envolvem os protagonistas da linguagem: o sujeito produtor do ato de linguagem (EU) e o sujeito interlocutor desse mesmo ato (TU).

Assim, não podemos pensar em um TU apenas como receptor. Para além disso, esse sujeito vai construir uma interpretação, considerando seu ponto de vista em relação às circunstâncias do discurso e também em relação às intenções do sujeito produtor. O ato de linguagem constitui-se, portanto, como uma “interação de intencionalidades”, que apresenta uma dada expectativa de significação e que, por isso, liga-se a um certo número de ritos sociolinguageiros, já que se constitui em “produto da ação de seres psicossociais que são testemunhas mais ou menos conscientes das práticas sociais e das representações imaginárias da comunidade a qual pertencem”. (CHARAUDEAU, 2001, p. 29). Nesse modelo de compreensão do processo enunciativo, o ato de linguagem corresponde, pois, a uma *mise en scène* da significação, necessária a que tenhamos sucesso em nossas interações languageiras. A esse respeito, vale lembrar o exemplo de Machado, quando trata do “lado teatral” da “encenação” necessária a que tenhamos sucesso em nossas interações languageiras. Segundo a autora, um professor X

[...] não vai falar do mesmo modo que fala em uma situação de trabalho, diante de seu médico: no consultório deste, expondo um problema de saúde, sua *mise en scène* languageira – e seu papel de sujeito comunicante – vão mudar em relação ao papel que X adota em suas aulas. Saindo do consultório médico, X encontra um velho amigo da época em que ele morava no interior de São Paulo: uma nova mudança na *mise en scène* comunicativa de X se impõe. É óbvio que se X guardasse sempre a mesma *mise en scène* usada em seu trabalho, na sala de aula, não conseguiria se comunicar bem nem com seu médico nem com seu velho amigo: no máximo, passaria por uma pessoa aborrecida, enfatuada. (MACHADO, 2001, p. 50-51).

Com vistas a apreender como os protagonistas agem na *mise en scène* do ato de linguagem, precisamos nos deter no modo de organização enunciativo, que marca a posição do locutor em relação ao interlocutor, em relação ao dito e também em relação a outros discursos. De acordo com Charaudeau (2008, p. 82), são funções do modo enunciativo: “Estabelecer uma *relação de influência* entre locutor e interlocutor num comportamento ALOCUTIVO; revelar o *ponto de vista* do locutor, num comportamento ELOCUTIVO; *retomar* a fala de um terceiro, num comportamento DELOCUTIVO”.

No comportamento alocutivo, o locutor enuncia sua posição em relação ao interlocutor, a partir do momento em que age sobre ele (ponto de vista *acional*), implicando-lhe um comportamento. Assim, o interlocutor é solicitado, pelo ato de linguagem do locutor, a apresentar uma determinada reação: responder ou reagir (*relação de influência*).

No instante da enunciação, o locutor também atribui a si e ao interlocutor “papéis languageiros” de dois tipos: a) o papel de controle, de força, do locutor sobre o interlocutor,

que ocorre quando ele se autoconcede esse papel, impondo ao interlocutor um fazer/fazer ou um fazer/dizer. Neste caso, conforme Charaudeau (2008, p. 82), a “*imposição* do locutor sobre o interlocutor estabelece entre ambos uma *relação de força*.”; b) o papel oposto, já que o locutor pode-se colocar numa posição de inferioridade em relação ao interlocutor, a partir do momento em que mostra ter necessidade do “saber” e do “poder fazer” do interlocutor. Neste caso, é produzida “uma *solicitação* do locutor ao interlocutor, o que estabelece entre ambos uma *relação de petição*.”.

No comportamento elocutivo, o locutor enuncia sua posição em relação ao propósito referencial sem implicar, nessa tomada de posição, o interlocutor. Resulta, pois, uma enunciação cujo efeito é a modalização subjetiva da verdade do propósito enunciado, revelando o ponto de vista interno do locutor. Conforme Charaudeau, tal ponto de vista pode ser especificado da seguinte forma:

- Ponto de vista do *modo de saber*, que especifica de que maneira o locutor *tem conhecimento* de um Propósito. Corresponde às modalidades de ‘Constatação’ e de ‘Saber/Ignorância’.
- Ponto de vista de *avaliação*, que especifica de que maneira o sujeito *julga* o Propósito enunciado. Corresponde às modalidades de ‘Opinião’ e de ‘Apreciação’.
- Ponto de vista de *motivação*, que especifica a *razão* pela qual o sujeito é levado a realizar o conteúdo do Propósito referencial. Corresponde às modalidades de ‘Obrigação’, ‘Possibilidade’ e ‘Querer’.
- Ponto de vista de *engajamento*, que especifica o grau de *adesão* ao Propósito. Corresponde às modalidades de ‘Promessa’, ‘Aceitação/Recusa’, ‘Acordo/Desacordo’, ‘Declaração’.
- Ponto de vista de *decisão*, que especifica tanto o *estatuto* do locutor quanto o *tipo de decisão* que o ato de enunciação realiza. Corresponde à modalidade de ‘Proclamação’. (CHARAUDEAU, 2008, p. 83).

No comportamento delocutivo, o locutor *se apaga* do ato de enunciação e também não implica o interlocutor. Ele mostra a maneira pela qual os discursos do mundo (o outro, o terceiro) a ele se impõem. Daí resulta uma enunciação com aparência de objetividade (no sentido de “desligada da subjetividade do locutor”) que deixa aparecer no palco do ato de comunicação ditos e textos não pertencentes ao locutor. Conforme Charaudeau, há, neste caso, duas possibilidades:

- O Propósito se impõe por si só. O locutor diz ‘como o mundo existe’ relacionando-o a seu modo e grau de asserção. É o caso das modalidades de ‘Evidência’, ‘Probabilidade’, etc.
- O Propósito é um texto já produzido por outro locutor, e o sujeito falante atua apenas como um relator (que, como sabemos, pode ser mais ou menos objetivo). Ele relata ‘o que o outro diz e como o outro diz’. É o caso

das diferentes formas do ‘Discurso relatado’. (CHARAUDEAU, 2008, p. 83).

Como podemos observar, a enunciação constitui um fenômeno complexo que evidencia a maneira como o locutor se apropria da linguagem e, assim, é levado a situar-se em relação ao seu interlocutor, ao que ele mesmo diz e ao mundo que o cerca.

Na compreensão do modo enunciativo do discurso, não podemos confundi-lo com a modalização que constitui apenas uma parte deste fenômeno complexo: a enunciação. A modalização torna explícitas, por meio de categorias de língua, as posições do locutor nas três relações que ele estabelece: com o interlocutor, com o dito e com o mundo que o cerca. Para cada comportamento enunciativo e suas respectivas especificações, há determinadas categorias modais. São modalidades do ato alocutivo: interpelação, injunção, autorização, aviso, julgamento, sugestão, proposta, interrogação, petição. Constituem modalidades do ato elocutivo: constatação, saber/ignorância, opinião, apreciação, obrigação, possibilidade, querer, promessa, aceitação/recusa, acordo/desacordo, declaração, proclamação. Por fim, são modalidades do ato delocutivo: asserção e discurso relatado. Tais categorias modais serão exemplificadas na análise da amostra que recolhemos para esta pesquisa.

Metodologia da pesquisa

A opção por fundamentos teóricos que consideram o ato de linguagem como uma “interação de intencionalidades” (CHARAUDEAU, 2001, p. 29) define certas opções metodológicas: esta pesquisa apresenta-se como uma investigação qualitativa, em que os dados coletados são analisados interpretativamente.

Examinaremos, portanto, a interação em fóruns da unidade curricular “Tipologias Textuais e Práticas de Escrita”, do curso de Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa – Investigação e Ensino (MELP-IE), reconhecido pela Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior e oferecido pelo Departamento de Humanidades da Universidade Aberta. Tal unidade curricular é lecionada no sistema de *e-learning* e dela participaram 12 estudantes. A amostra foi recolhida do arquivo do ano letivo 2013-2014, sob a orientação da Professora Doutora Isabel Roboredo Seara. Foram escolhidos, como sujeitos focais da pesquisa, estes estudantes, uma vez que, em sua maioria, são professores que objetivam atualizar seus conhecimentos, assim trazendo benefícios à prática em sala de aula. Desse modo, as experiências de leitura e de escrita desses estudantes-educadores, em um contexto

em que eles se colocam como discentes, podem ajudar a repensar e reorientar as práticas em sala de aula.

A respeito do MELP-IE, o Guia de Curso⁴⁶, documento que disponibiliza informações *online* sobre o curso, assim descreve o principal público-alvo: “docentes de Português dos Ensinos Básico e Secundário que pretendam realizar uma atualização de conhecimentos na área dos Estudos Portugueses”. (Guia de Curso, 2015, p. 3).

O curso de segundo ciclo ou mestrado tem a duração de dois anos letivos, sendo o primeiro ano destinado ao cumprimento de oito unidades curriculares (quatro, no primeiro semestre; e outras quatro, no segundo semestre), e o segundo ano dedicado à pesquisa e consequente redação da dissertação.

A unidade curricular que escolhemos acompanhar, como já referimos, é a de “Tipologias Textuais e Práticas de Escrita”, que, de acordo com a sinopse da unidade, tem como objetivo geral “desenvolver competências de comunicação escrita, com base num sólido conhecimento linguístico e textual”. Tais competências dizem respeito: ao conhecimento e à caracterização de protótipos textuais e gêneros discursivos, ao domínio de mecanismos de construção e organização textual, à identificação dos mecanismos linguístico-discursivos de cada tipo de texto, à aquisição de técnicas de comunicação e de expressão escrita em português e também à produção e diferentes gêneros/tipos discursivos, com base nos conhecimentos teóricos adquiridos.

É possível compreender, então, a partir da descrição do objetivo geral da unidade curricular e de suas competências, a razão que nos levou à seleção desta unidade em detrimento das demais: a pertinência em relação ao objetivo da nossa pesquisa, uma vez que, para analisar os comportamentos enunciativos dos estudantes-professores, levaremos em conta as produções de textos realizadas por eles mesmos a partir de propostas feitas em ambientes virtuais de aprendizagem.

É nessa linha que pretendemos examinar as interações nos fóruns da unidade de “Tipologias Textuais e Práticas de Escrita”, a fim de perceber como estudantes se assumem como protagonistas de um novo paradigma no processo de ensino e aprendizagem.

⁴⁶ De acordo com o Guia de Curso, documento que disponibiliza informações sobre o MELP-IE, além da acreditação oficial pela Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior, esse curso de mestrado também foi reconhecido pelo Ministério da Educação, para efeitos do disposto no artigo 54º do Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário (ECD), e ainda pelo Conselho Científico e Pedagógico de Formação Contínua. Todas as informações sobre o Guia de Curso estão disponíveis em: <http://www2.uab.pt/guiainformativo/detailcursos.php?curso=58>. Acesso em 20 dez. 2015.

Um olhar sobre os fóruns em ambiente virtual de aprendizagem

Antes de passarmos à discussão dos dados da amostra, consideramos importante uma contextualização acerca da unidade curricular “Tipologias Textuais e Práticas de Escrita”. Começamos, pois, pela sua organização didática. A disciplina em questão apresenta três temas: 1) Noções linguísticas e textuais; 2) Heterogeneidade e fragmentação; 3) A expressão escrita, dispostos em três tópicos na plataforma.

O fórum que analisaremos situa-se no terceiro tema e diz respeito à discussão dos trabalhos finais. A seleção desse fórum deve-se ao fato de que se relaciona com o trabalho final da unidade curricular e, assim, poderá favorecer nossa análise no sentido de que possamos reconhecer todo o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido ao longo do semestre letivo e entrever um grau de maturidade por parte dos estudantes tanto no plano cognitivo quanto no plano interacional.

Consideramos importante destacar que, nas instruções ao terceiro tema, para além do prazo de entrega do trabalho, temporalmente identificado, há informações que são também muito importantes à compreensão da dinâmica do fórum em questão, tal como explicitado a seguir:

1) Entrega do trabalho em dispositivo próprio e também disponibilização no Fórum de discussão dos trabalhos finais (amostra sob análise);

2) Discussão efetiva dos trabalhos finais no Fórum de discussão. Para tanto, os estudantes devem ler os trabalhos dos outros colegas, comentar ou levantar questões sobre eles e responder às questões colocadas sobre seu próprio trabalho.

3) Avaliação do trabalho final, realizada com base nos seguintes critérios: qualidade do texto produzido como trabalho final, adequação aos objetivos da investigação, qualidade da pesquisa bibliográfica, capacidade crítica apresentada.

4) Avaliação da participação na discussão dos trabalhos finais, com base nos seguintes critérios: capacidade de questionar-se crítica e construtivamente no que diz respeito ao trabalho dos colegas; capacidade de responder às questões colocadas acerca do trabalho realizado.

Portanto, o objeto de nossa análise são as interações que tiveram lugar neste fórum específico. Na prossecução dos nossos objetivos, verificaremos, a partir da Teoria Semiollingüística de Charaudeau (2008), quais são os comportamentos enunciativos dos estudantes na interação em ambiente virtual de aprendizagem. Para uma melhor compreensão dos aspectos enunciativos, as interações que constituem exemplos de nossa amostra serão transcritas tal como ocorrem no ambiente virtual de aprendizagem de onde foram extraídas e, ao lado direito delas, serão identificadas as categorias modais.

Como se trata de um fórum que tem como objetivo o envio e a discussão dos trabalhos finais realizados, por meio de dispositivo eletrônico, observamos que cada estudante abre um tópico para enviar seu trabalho para posterior debate. Os estudantes, de modo geral, apresentam o mesmo comportamento enunciativo para o envio dos trabalhos. Trata-se, na maior parte das vezes, de um **comportamento alocutivo**, em que há uma relação de influência do locutor sobre o interlocutor. Esse comportamento é modalizado, de modo recorrente, pelas categorias da **interpelação** e do **aviso**, sempre evidenciando brevidade nas mensagens concisas com que os estudantes cumprem a tarefa de enviar o trabalho. É o que podemos ver a seguir:

(1) Trabalho Final – TTPE Estudante 1
por **Estudante 1** – Domingo, 13 Julho 2014, 23:26
Boa noite Professora X e colegas, INTERPELAÇÃO
Anexo o meu trabalho. AVISO
Cordialmente, INTERPELAÇÃO
Estudante 1

(2) Trabalho final – TTPE Estudante 2
por **Estudante 2** - Domingo, 13 Julho 2014, 21:23
Boa tarde, Professora X e colegas. INTERPELAÇÃO
Deixo em anexo o trabalho final. AVISO
Cumprimentos, INTERPELAÇÃO
Estudante 2

Nestes dois primeiros exemplos, como já referimos, as categorias predominantes são a de **interpelação** e **aviso**, marcando um discurso que se pretende breve, objetivo e que cumpre apenas a função de enviar o trabalho. Posteriormente, as interações espelham uma dimensão diferenciada, uma vez que, com a disponibilização do trabalho, tem início o debate entre os estudantes e também entre os estudantes e a professora.

Ainda em relação às mensagens enviadas pelos estudantes quando da submissão do trabalho final, observamos algumas peculiaridades. Mesmo que haja categorias de língua revelando um comportamento predominantemente **alocutivo**, tanto da parte do estudante quanto da parte da professora, notamos que, no momento em que os interlocutores estão com a palavra e se dirigem ao outro, no sentido de pedir-lhe algo, a realização desse ato de pedido é formulada de maneira distinta:

(3) Trabalho final – TTPE Estudante 3
por **Estudante 3** - Domingo, 13 Julho 2014, 11:31

Bom dia, Professora X.	INTERPELAÇÃO
Acabei de submeter o meu trabalho no dispositivo, mas não consigo anexá-lo aqui no fórum porque a capacidade do mesmo não o permite. Já o converti para PDF, mas, mesmo assim, não dá.	AVISO
Seria possível a professora aumentar a capacidade para podermos anexar os ficheiros?	PETIÇÃO
Grata pela sua atenção,	INTERPELAÇÃO

Estudante 3

Re: Trabalho final - TTPE Estudante 3
Por **Estudante X**- Domingo, 13 Julho 2014, 14:44

Caro Estudante 3,	INTERPELAÇÃO
já aumentei a capacidade limite dos anexos para 2KB.	AVISO
Se não for suficiente p. f diga.	INJUNÇÃO
Abraço,	INTERPELAÇÃO

Professora X

Re: Trabalho final - TTPE Estudante 3
por **Estudante 3** - Domingo, 13 Julho 2014, 20:05

Boa tarde, Professora X!	INTERPELAÇÃO
Agora sim, já dá!	AVISO
Muito obrigada.	INTERPELAÇÃO

Estudante 3

Na primeira mensagem do exemplo 3, em que observamos a relação estudante-professor, há uma relação de pedido, pelo uso da categoria **petição**, ou seja, o estudante se enuncia em posição de inferioridade e assume um papel no qual precisa do “poder fazer” do interlocutor (solicita que a professora aumente a capacidade para que possa anexar o trabalho no fórum). Por outro lado, na segunda mensagem, em que evidenciamos a relação professor-estudante, há uma relação de força pelo uso da categoria **injunção**, ou seja, o professor, em

posição de superioridade, atribui a si um papel que impõe ao interlocutor a execução de uma ação (que o estudante “diga”, caso não consiga anexar o trabalho). Pelo que observamos na interação verbal, o estudante consegue anexar o trabalho e, ainda assim, envia à professora uma resposta. Embora estejamos diante de uma situação comunicativa em que o processo de ensino e aprendizagem acontece por meio de uma interação multidirecional, ainda assim, os papéis sociais que professor e estudantes ocupam no contexto educacional são evocados discursivamente pelo comportamento enunciativo dos sujeitos que interagem na situação reportada anteriormente.

Além disso, há outros exemplos de mensagens relativas à entrega do trabalho final, em que se evidencia um comportamento **elocutivo** da parte do estudante:

(4) Trabalho Final - TTPE Estudante 4
 por **Estudante 4** - Quinta, 17 Julho 2014, 22:45
 Prof.^a Dr.^a X, INTERPELAÇÃO
 Finalmente ponho meu trabalho no fórum, APRECIÇÃO/
 AVISO
 reconhecendo humildemente que há nele APRECIÇÃO
 falhas que eu não consegui resolver. Sinto-
 me meio 8
 diante de trabalhos tão ricos como os das JULGAMENTO
 colegas que abordaram a mesma temática.
 Mesmo assim, aqui o disponho para as críticas PROPOSTA
 que me ajudarão a melhorar.
 Cordialmente, INTERPELAÇÃO
Estudante 4

(5) Trabalho Final - TTPE Estudante 5
 por **Estudante 5** - Quarta, 16 Julho 2014, 22:05
 Boa tarde, Professora X e colegas, INTERPELAÇÃO
 Deixo finalmente em anexo o trabalho final. AVISO/
 APRECIÇÃO
 Cumprimentos, INTERPELAÇÃO
Estudante 5

Como podemos ver, em ambas as mensagens, os estudantes, além do comportamento **alocutivo**, comumente apresentado e marcado pelas categorias da interpelação e do aviso, também apresentam um comportamento **elocutivo**, marcado pela categoria da **apreciação**. De fato, nas duas ocorrências de “finalmente”, observamos não apenas a relação do locutor com seu interlocutor, implicando-lhe um comportamento, mas também o ponto de vista em relação ao propósito enunciado (o fato de disponibilizar o trabalho final no fórum). Ou seja, os

estudantes não só avisam que estão cumprindo a tarefa, mas também revelam seu ponto de vista, a sua avaliação relativa ao propósito enunciado. E isso vai ser feito pela categoria da **apreciação favorável**. Em outras palavras, “finalmente” possui, aqui, um valor discursivo que expressa certo “alívio” do locutor pelo depósito do trabalho final. A esse respeito, vale lembrar as palavras de Machado (2002), para quem o vocábulo “finalmente” constitui um “conector pragmático”:

Tradicionalmente incorporados na gramática como advérbios, **enfim** e **finalmente** poucas vezes desempenham as funções sintático-semânticas que este tipo de palavras costuma assumir. Na realidade, pela observação das ocorrências mais frequentes, [...] podemos constatar que estas categorias gramaticais são mais facilmente integráveis no domínio dos *marcadores do discurso*, segundo critérios prioritariamente pragmáticos (MACHADO, 2001, p. 148 grifos da autora).

Além disso, na primeira mensagem (do estudante 4), há uma outra ocorrência de enunciado marcado pela categoria da **apreciação**, quando o estudante reconhece as limitações de seu trabalho e já adianta uma avaliação quantitativa em relação a ele: “Sinto-me meio 8”. A confissão de eventuais falhas, bem como o emprego do advérbio “humildemente” evidenciam uma postura polida do estudante, o que vem reforçar seu estatuto de inferioridade no desempenho de seu papel social.

É interessante observar que, neste caso, o estudante antecipa-se aos colegas no julgamento com relação ao seu trabalho e, na medida em que projeta uma autoavaliação, também lança seu julgamento em relação aos trabalhos dos colegas que trataram do mesmo tema. Quando faz isso, retoma o comportamento **alocutivo** e, por meio da categoria de **julgamento** e **proposta**, vai implicar uma resposta de seus interlocutores.

Considerações finais

Os resultados do trabalho de análise aqui apresentado nos permitem reconhecer a posição dos sujeitos comunicantes no contrato estabelecido pelos fóruns utilizados na unidade curricular “Tipologias Textuais e Práticas de Escrita”, do curso de Mestrado no qual esses sujeitos se inscreveram. Assim, podemos observar a posição que o locutor ocupa em relação ao interlocutor, em relação ao que ele mesmo diz e também em relação ao que o outro diz.

Percebemos, no subcontrato de envio dos trabalhos finais, a predominância de um comportamento **alocutivo** por parte do locutor, com destaque para as categorias modais da

interpelação e do **aviso**, que denotam a imagem de um enunciador conciso, cumprindo exclusivamente a função objetiva de enviar o trabalho final. Há ocorrência também de comportamento **elocutivo**, marcado pela categoria modal de **apreciação**, mas que está restrito apenas a um enunciador que busca fazer autoavaliação e que, portanto, precisa comportar-se de maneira diferenciada na *mise-en-scène* da interação.

Todos esses dados nos permitem compreender que o estudante, participante efetivo de interações como as que foram aqui analisadas, reconhece nelas uma nova dinâmica de ensino e aprendizagem, que instaura também uma dinâmica diferente de avaliação. Assim, certamente, esse estudante aprenderá que avaliar um trabalho não implica apenas a mera atribuição de uma classificação numérica por parte do docente, mas sim um diálogo criterioso e construtivo entre os pares e também com a docente, visando à construção colaborativa do saber.

Referências:

BÉVORT, E., BELLONI, M. L. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educação e Sociedade**, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302009000400008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 20 ago. 2016.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

GUIA de Curso do MELP-IE. Universidade Aberta. Lisboa, Portugal. Disponível em <<http://www2.uab.pt/guiainformativo/detailcursos.php?curso=58>>. Acesso em 20 dez. 2015.

_____. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In MARI, H.; MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Orgs.). **Análise do Discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001.

MACHADO, I. L. Uma teoria de Análise do Discurso: a Semiologia. In: MARI, H.; MACHADO, I. L.; MELLO, R. de (Orgs.). **Análise do Discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001.

MACHADO, M. P. Finalmente será enfim? Contributos para uma análise contrastiva português/francês. In DUARTE, I. M. (Org.). **Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto**. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2002.